

TRÊS PALAVRAS QUE FAZEM LEMBRAR O PE. JOSÉ COMBLIN

*Sebastião Armando Gameleira Soares**

Resumo

Pe. José, como era carinhosamente chamado por seus amigos e amigas, evoca uma era da História da Igreja, da História do Brasil e do Continente. Ele trazia como “tatuagem” em seu corpo de venerável ancião as nossas sofridas e doces lembranças, as nossas inapagáveis esperanças. Quando penso em Pe. José, lembro-me naturalmente de três aspectos que formavam a sua personalidade: testemunha da Tradição, genialidade e admirável sabedoria. É o que tento passar aqui, de minha experiência com ele. O presente texto é um recorte de artigo que foi lançado há exatos dez anos atrás, por ocasião dos 80 anos do Pe. José Comblin: “A esperança dos pobres vive” (Paulus, 2003).

Palavras chave: *testemunha, gênio, sábio.*

Abstract: *Pe. José, as he was called by friends, evokes an era of the Church’s history, of the Brazilian history, and of the continent. He carried like a “tattoo” upon his venerable ancient body our sweet and sorrowful remembrances, our indelible hopes. Thinking of Pe. José reminds me of three aspects that shaped his personality: witness to the Tradition, geniality, and an impressive wisdom. That is what I hope to convey here, based on my experiences with him. The present text is a clip from an article that was published exactly ten years ago, in the occasion of the 80th birthday of Pe. José Comblin: “A esperança dos pobres vive” (Paulus, 2003).*

Keywords: *witness, genius, wise man.*

* Bispo Diocesano da Diocese Anglicana do Recife, Mestre em Teologia na Universidade Gregoriana de Roma, mestre em Ciências Bíblicas no Instituto Bíblico de Roma, mestre em Filosofia na Universidade Lateranense de Roma, bacharel em Direito pela Faculdade de Direito de Olinda, assessor do Centro de Estudos Bíblicos – CEBI. E-mail: sgameleira@gmail.com

Introdução

Quando penso em Pe. José há três palavras que me chegam imediatamente, sem nenhum esforço, de modo bem natural: testemunha, gênio e sábio. É desse jeito que o definiria para quem não teve a felicidade de conhecê-lo.

Vejam, então, cada um desses aspectos, profundamente interligados, que apresento de forma coloquial com o querido Pe. José...

1. Testemunha

Você é testemunha da Tradição. Desde quando se começou a sonhar com um pensamento teológico que viesse alimentar a prática de uma Igreja autóctone, capaz de responder aos desafios do Continente, você já estava lá, nos encontros do Uruguai, de Lima, de Bogotá, de Quito, de Petrópolis... Foi daí que brotou o que depois veio a chamar-se “Teologia da Libertação”. Você é testemunha privilegiada de um movimento que luta por uma Igreja que seja relevante na sociedade, através de seus gestos e de sua maneira de dialogar com o mundo, sobretudo com o mundo da política e com o mundo dos pobres. Sim, você é testemunha de uma Igreja que “conspira” pelo Reino e, por isso, opta pelos oprimidos. Não simplesmente “opção preferencial”, pois não se trata de preferência, mas de opção, como fez Jesus, que se abraçou com o leproso e “já não podia mais entrar publicamente numa cidade, mas permanecia fora, em lugares desertos”, do jeito como se dava com os leprosos, excluídos e proscritos. Não simplesmente “pelos pobres”, pois a pobreza pode ser até voluntária. Trata-se de juntar-se aos oprimidos. Dom Helder gostava de dizer “aqueles que são pisados” pelas botas da opressão e da fome. Carlos Barth, como você bem sabe, um dos maiores teólogos protestantes de todos os tempos, gostava de definir a Igreja como *conspiratiotestium*, conspiração de testemunhas. Você se acha na corrente dessa santa conspiração pelo Reino. Por isso não é de estranhar que tenha sido expulso, banido do Brasil e do Chile; que seja indesejável em certos lugares inclusive de sua própria Igreja; que seus escritos sejam acusados de destilarem o veneno de uma “atmosfera de heresia”... Você tem sido testemunha dessa grande tradição eclesial, que se reencontra com os Apóstolos e com os grandes Pais, e da qual Dom Helder foi um dos maiores expoentes. Sobretudo desde os anos 50, essa tradição foi-se afirmando progressivamente, até chegar a aparecer de maneira tão estridentemente luminosa no Concílio Vaticano II e na Conferência de Medellín. Na Igreja do Nordeste significou redescobrir a caminhada de Ibiapina; perceber o sentido profundo da incansável peregrinação do povo de santuário em santuário correndo atrás da esperança; reencontrar-se com o movimento das Missões Populares; convocar agricultores, pescadores, operários, estudantes, donas de casa, sindicalistas, gente pobre das

periferias, da sequidão dos sertões, da beira da praia ou do “inferno verde” da cana-de-açúcar para rezar, refletir e decidir junto com o clero e seus Bispos os rumos da Igreja naquelas memoráveis assembleias plenárias do Regional Nordeste II, presididas por Dom Helder ou por Dom José Maria Pires. Uma Igreja que se “democratizava”, não simplesmente para ser “como todas as outras nações” (1Sm 8,5), como os parlamentos das democracias burguesas chamadas de “democráticas”. Não, é que crescia a consciência de que o poder na Igreja é o poder de Cristo, Senhor vivo, ressuscitado, presente e atuante no meio de Seu povo pelo Espírito Santo. Ninguém pode substituí-Lo, ninguém é Seu “vigário”. Só pode haver “sacramentos”, sinais e instrumentos a revelarem Sua presença eficaz. Descobríamos, então, que, entre os sinais, os pobres são veículos privilegiados de revelação dos “desejos” do Espírito (1Cor 2,8-16). E sentíamos fortemente que, em vez de “escada” hierárquica, a Igreja é uma grande roda comunitária de dons e ministérios complementares, a manifestarem o glorioso poder de Cristo, “até no menor dos irmãos e irmãs”, um povo marcado pela “comunhão e participação” (1Cor 12–14). Começávamos a tocar com nossas próprias mãos a verdade da palavra de Jesus: “Entre vocês tem de ser diferente...” (Mc 10,42-45).

Infelizmente, temos vivido nos últimos anos um retrocesso, uma ruptura, diria parcial, dessa tradição “apostólica”. Mas você continua a recomendar perseverança e tenacidade. Há muita gente que continua a trabalhar em silêncio, a tecer redes que vão entrelaçando os fios do tecido do Reino, há grupos nas “cattacumbas” a preparar o futuro. Em você temos uma testemunha fiel a nos indicar o rumo e a nos ajudar a fazer o discernimento de quais caminhos são realmente os de Deus.

2. Gênio

Você, Padre Zé, é um gênio. Sua genialidade se evidencia quando prestamos atenção ao leque de sua formação interdisciplinar. Suas obras revelam o competente sociólogo que você é, capaz de nos ajudar a penetrar as entranhas das estruturas da sociedade e de sua formação social. Sua Teologia se alicerça na terra firme da análise da sociedade. É busca de respostas aos seus desafios, desafios escutados como chamado e apelo de Deus, não simples repetição de “verdades eternas” e irrelevantes para a vida concreta das pessoas. Uma de suas maiores qualidades de intelectual é a admirável capacidade que tem de analisar a História e a Cultura do Ocidente, intimamente entrelaçadas com a História da Igreja Cristã. Ao mesmo tempo, em você encontramos um competente intérprete da Teologia Sistemática, uma Sistemática, porém, capaz de autocrítica, capaz de perceber suas raízes em precisos contextos históricos, e discernir entre Evangelho

e Ideologia. Muito contribui para isso o seu estar à vontade no campo da Sociologia da Cultura. Mas penso que se possa dizer que o horizonte de seu pensamento é o da chamada Teologia Pastoral. É muito claro em seu pensamento que a Verdade é pensada para ajudar a Igreja a transformar sua prática junto ao povo para que, por sua vez, esse povo se torne sujeito transformador da História. Seu quefazer teológico é sempre teoria que nasce da análise da prática e visa à prática. Em seu pensamento, vemos concretizado aquilo que era o voto de Juan Luis Segundo: Teologia da Libertação tem de ser antes de tudo Libertação da Teologia. Sempre penso que sua profunda formação bíblica marca decisivamente seu modo de fazer Teologia. Com efeito, nas Escrituras, Deus fala a partir de circunstâncias concretas da História e movido por sua preocupação com a vida concreta das pessoas. A “teologia” feita por Deus é muito “pastoral” e até muito “política”, para desapontamento dos “espiritualistas” e de muitos “hierarcas” da Igreja. Penso que você aprendeu muito disso com a Bíblia. Sem falar na sua admirável capacidade de estar informado de quase tudo o que acontece pelo mundo afora, tanto no espaço da Igreja como no espaço sócio-político-cultural. E ainda é como se você tivesse antenas muito sensíveis para captar desafios emergentes que exigem formular novas perguntas e buscar novas respostas.

3. Sábio

Você, aos oitenta anos, é, sem sombra de dúvida, um sábio. Sua admirável sabedoria se manifesta em seu jeito de levantar perguntas e fazer pensar. Algumas pessoas até acham você meio radical, exagerado nas tintas quando pinta o quadro da conjuntura da Igreja e da sociedade internacional. Pessimista até. É que, como todo sábio, você não fala apenas através de afirmações, mas frequentemente por meio de parábolas e de provocações, para fazer pensar.

Sempre me encanta sua lucidez para discernir na realidade os verdadeiros problemas, desafios e necessidades. Foi daí que surgiu a famosa, no Nordeste, “Teologia da Enxada”, o jeito de “fazer Teologia a partir do povo” pobre camponês. Foi daí que surgiu o “Centro de Formação Missionária” de Serra Redonda, que se tem expandido no grupo maior daquela “irmandade” dos Missionários e Missionárias do Campo. Aí também está a origem dos “seminários” de formação para as lideranças leigas de comunidades do Sertão, especialmente na Bahia. Tudo isso é a tradução concreta de sua profunda intuição de que é necessário e urgente edificar uma Igreja autóctone, com os traços do rosto de seu próprio povo. Sim, uma Igreja “popular”, pobre, camponesa, de gente marginalizada, ou em processo de exclusão, que não tenha vergonha de si mesma... uma Igreja onde caibam os “romeiros de meu Padim”, tão parecidos com os pentecostais ou com a

massa de gente em busca de “milagres” nos novos templos da Teologia da Prosperidade, quem sabe, a máscara que pode enganar quando recobre a face de um povo “cativo da esperança” (Zc 9,12).

Sua capacidade de ser sábio transpareceu claramente quando, anos atrás, você nos chamava a atenção para o problema do Estado na América Afrolatíndia. Já faz tanto tempo que a gente corre o risco de esquecer. Como você tinha razão! E agora o vemos claramente quando nos apercebemos apertados entre as duas margens do tempo histórico, a do militarismo e a do chamado neoliberalismo, ambos sistemas ditatoriais, a governar ou por “decretos-leis” ou por “medidas provisórias”... Quando se levantava a bandeira das revoluções (e até os militares chamavam o seu golpe de “revolução”), você escreveu aqueles dois volumes preciosos da “Teologia da Revolução”, mostrando-nos que o desafio da transformação social é essencialmente “teológico”, bíblico, é a causa de Deus na História do mundo. Por isso, sua matriz é a Profecia e sua inspiração vem da fé no Deus que pode fazer novas todas as coisas (Is 43,16-21) e é capaz de “fazer os mortos viverem e chamar à existência as coisas que não são” (Rm 4,17). Eis por que é possível “esperar contra toda esperança” e, tendo por detrás os exércitos dos poderosos e por diante as águas tenebrosas do Mar, “dar um passo a frente” (Ex 14,15), na certeza de que “o caminho se faz no caminhar” (Pablo Neruda). Quando as ditaduras estavam bem-estabelecidas, “cimentadas” com a ideologia da Segurança Nacional, você teve a coragem de denunciá-las naquele livro que tinha capa cor de luto e evocava a terrível lembrança do Holocausto: a ideologia da Segurança Nacional é idolatria. E, no entanto, quantas personalidades eclesíásticas, católicas ou protestantes compactuavam com o Estado militar, quer por inconfessados interesses, quer simplesmente por satânica covardia!

Naqueles tempos de trevas, o nosso querido Dom tinha a ousadia evangélica de denunciar ao mundo os subterrâneos das prisões brasileiras onde se torturavam presos, vítimas sacrificadas no altar do ídolo...

Você tem o olho capaz de enxergar a oportunidade, aquilo que a Bíblia chama de “kairós”. Hoje nossas sociedades se fazem sempre mais urbanas. E um imenso desafio para a Igreja é como enfrentar esse novo mundo, ela que se formou fundamentalmente da Idade Média rural. Pois bem, muitos anos atrás você nos brindava com uma de suas obras mais famosas: “Teologia da Cidade”, a rasgar novo horizonte e querer alertar-nos para o novo campo de luta no qual o povo cristão estava sendo chamado a testemunhar a vitória do Cordeiro sobre a abominável Babilônia. Terá sido por acaso que sua tese de doutorado foi sobre o Apocalipse, o livro que fala a partir do conflito entre Evangelho e cidade imperial? Foi seu olho que viu com clareza a necessidade de publicarmos o primeiro comentário bíblico escrito no Brasil, o “Comentário Ecumênico da Bíblia”,

aquele que vamos escrevendo, mais lentamente do que desejaríamos, mas que já é uma realidade, espaço em que temos convivido, biblistas católicos e biblistas protestantes, convivido e estudado em conjunto, fazendo a bonita experiência de que, quando nos concentramos na obra de Deus e em Sua Palavra, percebemos claramente que nossas diferenças são tão pequenas e tão secundárias e, longe de nos dividir, estão aí para nos enriquecer com a beleza da diversidade, à imagem da comunhão trinitária de Deus. Na verdade, os problemas de nosso povo têm tudo para nos unir. O certo é que a realidade da vida vivida pelos oprimidos não nos pergunta por “confissões de fé”, mas por “soluções de fé”. E onde estão as fronteiras do coração de Deus?

Você sempre revela uma espécie de sexto sentido para perceber de que a Igreja necessita. Já há tempo nos dizia que a Igreja no Brasil tem de tomar posse de sua história e de seu papel na formação do país, e é essa análise que nos pode proporcionar lucidez para planejar o futuro. Desde muito tempo você vem insistindo em que a Evangelização tem de ser o foco principal da ação da Igreja, uma vez que já não é mais possível repousar tranquilamente nas ilusões das estruturas da Cristandade. Quantas vezes não tem dito que o centro de preocupações já não pode ser um estéril zelo pela ortodoxia doutrinal, mas tem de ser a Ação histórica em prol da construção de um mundo mais justo. É em relação com isso que tem dito com tanta insistência que é preciso reabrir o espaço da Igreja ao Espírito Santo. Do contrário, ficaremos paralisados por uma eclesiologia do poder e da verdade abstrata e assassina, porque ou imperialista ou indiferente à sorte do povo (cf. Am 6,6). É nesse contexto que se compreende sua preocupação com a “Teologia da Paz”. E quantas vezes não o ouvimos falar da necessidade de gente leiga assumir cada vez mais a tarefa teológica! Só assim teremos chance de desclericalizar a reflexão na Igreja, pois o laicato inclinaria, necessariamente, o eixo para as questões do mundo do trabalho, da economia, da família, da sexualidade encarada com mais realismo e mais verdade da vida, da política... seria a chance de uma “Teologia Civil” e menos eclesiástica, mais próxima quiçá daquela do conjunto da Bíblia e de uma organização eclesiástica mais participativa, menos autocrática e patriarcal.

Finalmente, sobretudo nos últimos anos, você tem insistido na mística da liberdade e da pobreza. Isso me lembra a espiritualidade de Sofonias e da corrente dos chamados pobres de Deus, da Bíblia. E você pessoalmente é testemunha disso: pobreza e liberdade. Quase só tem livros, quase não tem casa, nem roupas. Sua vida tem sido uma constante peregrinação, de canto a canto, de país a país, quase sem canto para parar e sem toca para “repousar a cabeça”. Com seu exemplo de andarilho do Evangelho e com sua palavra de profeta, tem chamado a atenção para o núcleo central do Evangelho paulino, que nos reúne a todos,

católicos e protestantes: “Foi para a Liberdade que Cristo nos libertou” (Gl 5,1). Você não me parece aquilo que se poderia chamar de “militante do Ecumenismo”. Mas suas preocupações e seu método teológico, assim como sua atitude de espírito, são profundamente ecumênicos, a começar do jeito como você relativiza as estruturas e as “certezas” doutrinárias de sua própria Igreja Católica Romana. E de ninguém escapa a maneira honestamente crítica como você analisa o percurso histórico da instituição eclesial. Para alguns, habituados à apologia a qualquer custo, você pode até parecer cruel. Na verdade, porém, é o seu tributo de amor à Igreja de Cristo, pois ela o ocupa por vinte quatro horas do dia. E só é possível manter-se “abraçado” assim a quem vive apaixonado.

Meu querido Padre Zé, quem sabe a melhor homenagem que podemos tributar a você neste seu glorioso aniversário, rodeado pela coroa de seus amigos e amigas, filhos e filhas, irmãos e irmãs, sobrinhos e sobrinhas, netos e netas, essa inumerável procissão de testemunhas, a parecer uma “nuvem” a envolvê-lo (Hb 11)... quem sabe, a melhor maneira de dizer-lhe “muito obrigado” seja gritar que você é um homem *livre*, e aí reside a fonte de sua *sabedoria*.

Desde tantos anos, *ad multos annos* e para sempre! Receba o mais carinhoso dos abraços, querendo ser o mais largo, da largueza dos braços de Deus!

Sebastião Armando Gameleira Soares